

A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM MEMES NA PERSPECTIVA DA PRÁTICA SOCIAL E DA MULTIMODALIDADE DISCURSIVA

Raphael Barbosa Lima Arruda¹

Márcia Roxana da Silva Regis Arruda²

Antônia Dilamar Araújo³

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo analisar memes na ótica de critérios multimodais e críticos do discurso. O corpus é composto por dois memes em língua inglesa: o primeiro trata sobre a temática da intolerância religiosa e o segundo relacionado ao preconceito racial. Foram analisados, à luz dos pressupostos teóricos do modelo tridimensional de Fairclough (1989), na ótica da dimensão da prática social mediada pela ideologia e pela hegemonia. No que se refere ao letramento visual de Kress e van Leeuwen (1996, 2006), o foco foi nas metafunções representacional, interativa e composicional da Gramática do *Design Visual*. A análise dos dois memes nos leva a constatar que através de uma leitura multimodal, observando as relações entre os modos semióticos, e a leitura crítica, por meio de aspectos ideológicos e hegemônicos da linguagem, nos suscita um posicionamento crítico-reflexivo para se combater formas de discriminação.

PALAVRAS-CHAVE: Meme. Letramento visual. Gramática do *Design Visual*. Modelo Tridimensional.

ABSTRACT: This work aims to analyze memes in the perspective of multimodal and critical discourse criteria. The corpus is composed of two English-language memes. The first one deals with the issue of religious intolerance while the second one relates to racial prejudice. The memes were analysed in the light of the theoretical assumptions of Fairclough's (1989) three-dimensional framework, from the point of view of the social practice mediated by ideology and hegemony. Concerning the visual literacy of Kress and van Leeuwen (1996, 2006), we used the representational, interactive and compositional metafunctions of The Grammar of Visual Design. The analysis of the two memes leads us to conclude that through a multimodal reading, observing the relations between the semiotic modes, and through a critical reading, by means of ideological and hegemonic aspects of the language, it provokes a critical-reflexive position to combat forms of discrimination.

KEYWORDS: Meme. Visual literacy. Grammar of Visual Design. Three-dimensional model.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: rblarruda83@gmail.com.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: marciarxn@gmail.com.

³ Doutora em Letras. Professora titular da Universidade Federal do Ceará (UECE). E-mail: dilamar11@gmail.com.

Introdução

Um dos mais relevantes desenvolvimentos teóricos advindos dos estudos críticos da linguagem centra-se na questão ampla da multimodalidade nos gêneros discursivos (VAN LEEUWEN, 2005; KRESS e VAN LEEUWEN, 2006; KRESS e VAN LEEUWEN, 2001). A sociedade pós-moderna⁴ constitui-se por meio de uma diversidade de modos comunicativos, isto é, recursos ou modos semióticos, tais quais imagens, linguagem verbal, sons, músicas, texturas, gestos etc. Estes recursos se amalgamam para produzir significados diversos, aos quais atribuímos valores culturais conforme determinadas ideologias e relações hegemônicas. Muitos gêneros textuais são eminentemente munidos de variados recursos semióticos, os quais vão se diversificando conforme o contexto situacional e o propósito comunicativo. Nesse contexto, encontramos, em nossa sociedade, uma gama de gêneros textuais, como é o caso do gênero meme, objeto de análise crítico-reflexiva deste artigo, o qual é permeado de simbologias gráficas e significados construídos e ressemiotizados, constituídos de múltiplos modos semióticos. Além disso, conforme argumenta Passos (2012), nesse gênero há a produção e a reprodução de discursos dentro de uma prática historicamente situada na qual também reflete eventos socioculturais do mundo.

Com isso, neste artigo, temos como objetivo principal investigar, à luz de uma interface entre os estudos da Análise Crítica do Discurso e da Multimodalidade, o processo de construção de sentidos do meme. Nosso *corpus* é constituído de dois textos desse gênero em inglês: um sobre a temática da intolerância religiosa e o outro relacionado ao preconceito racial, extraídos do site www.9gag.com. A importância deste trabalho encontra-se na escassez de estudos que estabeleçam uma interface entre as áreas da Análise Crítica do Discurso e da Multimodalidade como suporte teórico-analítico, fomentando uma leitura crítico-reflexiva do gênero meme. Dessa forma, faremos uma análise da dimensão da prática social sob a ótica da ideologia e da hegemonia, do modelo tridimensional de Fairclough (1989); e das metafunções representacional, interativa e composicional, da Gramática do *Design Visual* (GDV), postuladas

⁴ O uso do termo sociedade pós-moderna é polêmico para alguns autores. Giddens (1997) prefere o uso do nome modernidade reflexiva para acentuar a ideia de que vivemos em um mundo cada vez mais reflexivo, que estimula a crítica ativa e autoconfrontação. Bauman (2001) faz predileção pelo termo modernidade líquida, que se refere ao conjunto de relações e dinâmicas que se apresentam em nosso meio contemporâneo e que se diferenciam da chamada pelo sociólogo de “modernidade sólida”, pela sua fluidez e volatilidade. O viés baseia-se na construção do conceito sócio-histórico de modernidade, que transita em um enorme período da história da humanidade e, da mesma forma, reflete em mudanças no pensamento e nas relações entre seres humanos e instituições sociais. Para Bhabha (1998), hoje em dia, o prefixo “pós” é colocado indiscriminadamente à frente de tudo, sem que adquira necessariamente algum significado. É incessante a busca por um termo que pareça mais pertinente ao contexto sócio-cultural em que vivemos, parecendo ainda não ter sido terminada. O importante é compreender que alguma distinção precisa ser feita, a fim de referir-se às mudanças que vêm afetando a vida social, partindo da segunda metade do século XX.

por Kress e van Leeuwen (2006), nos memes que compõem o nosso *corpus*.

Análise crítica do discurso na ótica da dimensão da prática social

A Análise Crítica do Discurso (doravante ACD), campo epistêmico com uma abrangente aplicação, possui modelo teórico-metodológico suscetível à análise de diversas práticas na vida social. Situando-se entre as fronteiras da Linguística e da Ciência Social Crítica, a ACD, conforme postula Wodak (2004), procura estabelecer um quadro analítico capaz de mapear a conexão entre relações de poder e de recursos linguísticos selecionados nos discursos de pessoas ou grupos sociais.

Os estudos da ACD têm como um dos principais expoentes o linguista Norman Fairclough. Seu trabalho, conforme Oliveira e Carvalho (2013), está direcionado aos seguintes aspectos analíticos: 1º) as relações dialéticas entre discurso e práticas sociais; 2º) o grau de conscientização que as pessoas têm no que tange essas relações; e 3º) o papel essencial do discurso nas mudanças sociais.

Para Fairclough (1989), é inexorável a complexidade da relação dialética entre discurso e sociedade. Por meio desse aspecto, esse analista elaborou o modelo tridimensional de análise de discurso dividido em três dimensões: a textual, a prática discursiva e a prática social; pois considera que qualquer evento discursivo é considerado simultaneamente um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social.

A primeira dimensão desse modelo tridimensional, a textual, refere-se à descrição das propriedades formais do texto e dos significados dessas propriedades. Inerente a essa dimensão, a fim de realizar a análise textual, o analista deve levar em conta quatro itens: o vocabulário, a gramática, a coesão e a estrutura textual. A investigação voltada ao vocabulário enfoca o trabalho com palavras individuais, tais quais neologismos, lexicalizações, relexicalizações de domínios da experiência, superexpressão, relação entre palavra e sentidos; a gramática está voltada para combinação das palavras em frases; a coesão direciona-se às ligações entre as frases, por meio de mecanismos de referência, palavras do mesmo campo semântico, conjunções e sinônimos próximos; e a estrutura textual enfoca propriedades de organização mais ampla de um texto, considerando as maneiras e a ordem em que os elementos são combinados.

No âmbito da dimensão da prática discursiva, a análise do discurso deve considerar as atividades cognitivas de produção, de distribuição e de consumo do texto. No tocante à produção, o analista pode considerar os procedimentos editoriais da elaboração de textos da mídia, deve analisar o espaço destinado ao texto como em que página ou seção foi veiculado, qual o seu tamanho e a presença ou a ausência de imagens no texto. Na distribuição, o analista ressalta os modos como o texto é socialmente transmitido. Eles podem ser transmitidos pela televisão, por panfletos nas ruas, ou através de textos feitos pelo Governo Federal. Quanto ao consumo, o texto pode ser consumido no plano individual como uma carta de amor, ou no âmbito coletivo, como um aviso afixado em um mural de uma universidade ou em um jornal e por meio de compartilhamento em redes sociais. A atividade de consumo, como pontuam Oliveira e Carvalho (2013), tem uma forte implicação nas escolhas lexicais e sintáticas feitas pelo produtor de um texto. Fairclough (1989) ainda afirma que os textos podem ser consumidos de uma forma passiva como nas rotinas domésticas de assistir a uma TV, ou de uma forma mais crítica, manifestada pela crítica aos textos bíblicos por parte de exegetas feministas.

A terceira dimensão do discurso, a prática social, escolhida para análise dos memes do trabalho, também de essência interpretativa, ocupa-se das condições materiais do contexto em que uma prática discursiva se realiza. Partindo de um contexto mais amplo, o analista crítico deve se ater aos aspectos institucionais em que o texto é produzido e consumido. Por meio de um contexto mais estrito, o analista deve observar aspectos do contexto imediato, como, por exemplo, quem são os sujeitos envolvidos e engajados na produção e na recepção do texto e qual é o momento e o lugar onde ele é consumido.

No âmbito dos dois contextos, do amplo e do imediato, para Oliveira e Carvalho (2013), fazem-se relevantes questões ideológicas e hegemônicas evidentes nas práticas sociais. Quanto a essas duas questões, Fairclough teve uma grande influência dos trabalhos de Gramsci (1984) e Althusser (1980). No tocante à ideologia, Fairclough (2008) traz a seguinte definição:

A ideologia é uma propriedade tanto de estruturas nas ordens dos discursos (que constituem o resultado de eventos passados) quanto de eventos (ou condições de eventos atuais e nos próprios eventos). É uma orientação acumulada e naturalizada que é construída nas normas e nas convenções, como também um trabalho atual de naturalização e desnaturalização de tais orientações nos eventos discursivos (FAIRCLOUGH, 2008, p. 119).

Essa concepção de ideologia direciona para uma junção das ideologias com as práticas discursivas, cuja consequência é um fenômeno que merece atenção dos analistas: a naturalização do discurso, que é algo extremamente perigoso. Conforme alertam Oliveira e Carvalho (2013), a naturalização pode levar os indivíduos a reproduzirem ideologias que não são interessantes para eles, ou que são prejudiciais a outros. Como exemplo, temos as piadas com relação a negros, índios, nordestinos, mulheres que trazem um forte preconceito, sendo defendidas pelas pessoas que as contam ao afirmarem que é apenas uma piada. Em discursos nos quais encontramos questões referentes à etnia, ao gênero, ao sexo, à geografia e à origem social, nunca existe o “apenas”.

A possibilidade de haver mudança no âmbito da prática discursiva de resistência, pelas práticas discursivas contrastantes, que leva Fairclough (2008) a rejeitar a ideia althusseriana de assujeitamento do sujeito. Conforme essa ideia, Althusser (1980) quis ressaltar que a ideologia dominante, por meio dos aparelhos ideológicos do estado, dentre eles a universidade, sempre se impõe aos indivíduos determinando o sentido de suas ações ou o sentido de seus enunciados. Portanto, para Althusser (1980), a ideologia tem a função de interpelar o indivíduo em sujeito, criando um consenso entre os homens, cimentar a vida social. Para Fairclough (2008, p. 121); “nem todo discurso é irremediavelmente ideológico” e, por conta disso, ele rejeita a concepção de Althusser de ideologia em geral como forma de cimento social que é indissociável da própria sociedade. É indubitável que ao supervalorizar a função da ideologia como elemento formador do consenso, Althusser (1980) não se atem ao fato que, entre os indivíduos a serem interpelados pela ideologia, há os que resistem a essa interpelação.

No viés da resistência, Fairclough (2008), ao estabelecer as relações entre discurso e prática social, trabalha com o conceito de hegemonia de Gramsci (1984), definindo como um foco constante de luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter, ou romper alianças e relações de dominação/subordinação que assume formas econômicas, políticas e ideológicas. Essa categoria concebe o poder hegemônico estruturado em dois pilares: o consentimento e a coerção. No tocante a essa questão, para um determinado grupo social garantir a sua hegemonia, ele necessita difundir suas ideias junto aos grupos sociais próximos e procurar criar um consenso em volta delas. Diga-se de passagem, para Gramsci (1984), certas estruturas ideológicas como a igreja, a universidade e os órgãos de imprensa têm a relevância de firmar uma superestrutura consolidada na sociedade civil. Outra forma de hegemonia é por meio da coerção, ou seja, pelo uso da força física, instrumentalizada, conforme

Althusser (1980), pelos aparelhos repressores do Estado, representados pela polícia e pelo exército.

Analisaremos, por meio dos meandros da ideologia e da hegemonia como práticas sociais, memes que trazem discursos centrados em questões ideológicas e em relações de poder hegemônico presente em grupos religiosos e manifestados também na questão do racismo, exigindo do leitor desses textos um olhar crítico-reflexivo, a fim de questionar certos tipos de discursos excludentes na sociedade.

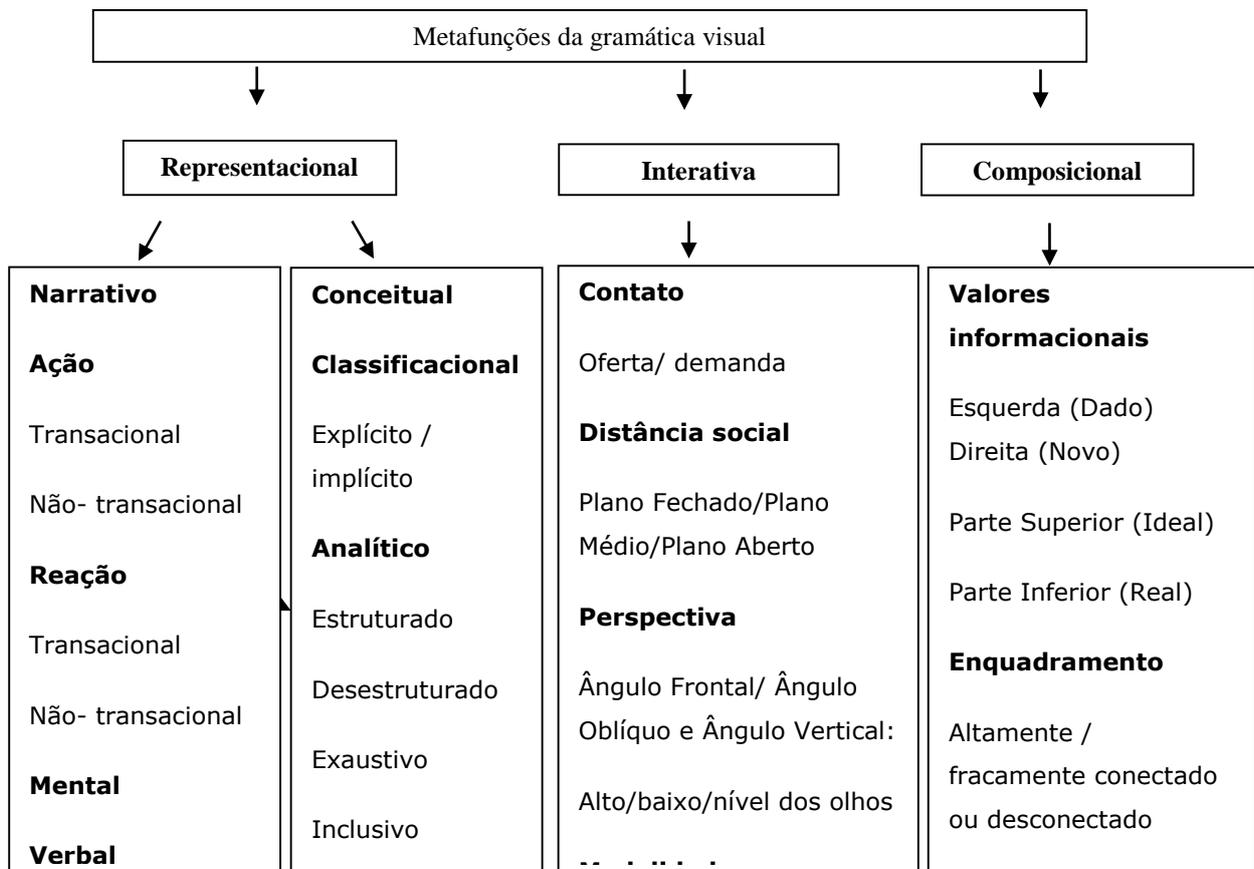
A gramática do *design* visual e suas metafunções analíticas

Dentro do contexto da semiótica social, evidenciamos a teoria da multimodalidade de Kress e van Leeuwen (2006), cujos princípios enfatizam que os textos são constituídos por um conjunto de vários modos e recursos semióticos, como o verbal, visual, sonoro, gestual, movimento, tipografia, cores e *layout* para mostrar que a significação nos textos é representada por diferentes formas. Na construção de sentidos, os modos semióticos se integram, possibilitando-nos afirmar que todo texto é multimodal. Tais princípios fundamentam as análises imagéticas, instrumentalizada pela Gramática do *Design* Visual (doravante GDV). Essa gramática tem sua manifestação no contexto da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), abordagem desenvolvida pelo linguista Michael Halliday, na década de 1950. Halliday (2004) observou que, em relação ao contexto situacional de uma comunicação, devem-se levar em consideração, para análise, três variáveis, a saber: o campo, a relação e o modo. A partir daí, surge o conceito de metafunções da linguagem: ideacional, interpessoal e textual. Tomando como base os postulados de Halliday, Kress e van Leeuwen (1996, 2006) elaboraram a GDV. Para eles, o que é expresso na linguagem através da escolha entre diferentes classes de palavras e estruturas semânticas, na comunicação visual, é expresso pela escolha entre diferentes usos de cores e de estruturas composicionais.

O estudo desenvolvido por Kress e van Leeuwen (2006, 1996), ancorado nas teorias da LSF, ocupa-se da análise e da descrição, exclusivamente, de imagens, em seu sentido amplo, ou seja, toma como objeto de estudo desde fotografias a diagramas. A GDV procura interpretar as imagens no que diz respeito às suas representações, interações e composição, levando em consideração o contexto situacional e os participantes envolvidos. Dessa forma, busca esclarecer os pontos de vistas e as ideologias intrínsecas à imagem que, muitas vezes, tornam-se alheias ao observador. A representação da construção e simbolização dos participantes, o

contato, a aproximação com o observador, as expressões faciais, os gestos e os movimentos, além das cores, das texturas e da organização estrutural das imagens constituem-se como aspectos peculiares encontrados nas três metafunções da gramática visual: a representacional, a interativa e a composicional. Desse modo, a partir da visão social de produção e de recepção dos significados e do reconhecimento da importância do recurso semiótico visual na comunicação por meio de textos multimodais, é que a GDV foi desenvolvida. Na Figura 1, podemos visualizá-las melhor⁵ com as suas respectivas funções analíticas.

Figura 1: As metafunções da GDV



Fonte: Adaptação da Gramática do *Design Visual*, conforme Kress e van Leeuwen (2006, p. 74, 104, 149, 166 e 210).

A metafunção representacional é observada nas imagens através dos participantes representados pelas estruturas que constroem visualmente a natureza dos eventos, objetos e dos próprios participantes envolvidos e as circunstâncias em que ocorrem.

Ainda, segundo Kress e van Leeuwen (2006), referenciado por Almeida (2008):

⁵ Essas metafunções não se apresentam isoladas, mas sim numa interdependência de funções para construir um todo significativo.

Essa função é subdividida em estrutura narrativa, quando há presença de vetores indicando que ações estão sendo realizadas, ou conceitual, quando existe uma taxonomia, uma classificação, em que participantes representados são expostos como se estivessem subordinados a uma categoria superior (ALMEIDA, 2008, p. 13).

A metafunção interativa estabelece estratégias de aproximação ou afastamento do produtor do texto em relação ao seu leitor/observador, buscando estabelecer uma relação imaginária. As imagens interagem, dessa forma, com o leitor, e sugerem qual atitude os observadores devem ter em relação ao que é representado nas imagens (JEWITT, 2008). Neste processo, apontam-se quatro recursos: contato, distância social, perspectiva e modalidade, destacados na Figura 1.

Por metafunção composicional, os autores explicam os significados dos elementos por meio de três sistemas interdependentes: a) valor informativo: a localização relativa dos elementos na página (esquerda e direita, superior e inferior, centro e margem); b) saliência: efeitos do tamanho, cores e localização no primeiro plano, moldura distintiva e profundidade de foco; c) enquadramento: tipos de conexão entre os elementos.

A propósito do uso da GDV como ferramenta analítico-descritiva para esta pesquisa, utilizaremos, como aspecto teórico-metodológico, as funções representacional, interativa e composicional como critério analítico dos sentidos proporcionados nos dois memes que foram objetos de nosso estudo.

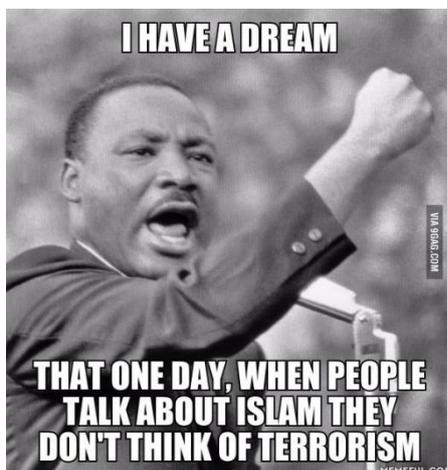
A trajetória metodológica

Esta pesquisa tem caráter analítico-descritivo, cuja investigação foi embasada em dois critérios fundamentais: uma análise da dimensão da prática social como formação ideológica e hegemônica, que são categorias analíticas do modelo tridimensional de Fairclough (1989), e dos aspectos multimodais relacionados às metafunções representacional, interativa e composicional inerentes à Gramática Visual de Kress e van Leeuwen (2006).

Com a análise baseada no primeiro critério, tentamos mostrar os benefícios na interpretação dos modos semióticos nos memes analisados, cooperando com a construção da criticidade do leitor-observador. A partir do segundo critério, perscrutamos quais foram as categorias analíticas que, relacionadas a essa função, mais se materializaram ao longo dos memes e que podem contribuir para uma formação de uma consciência crítica.

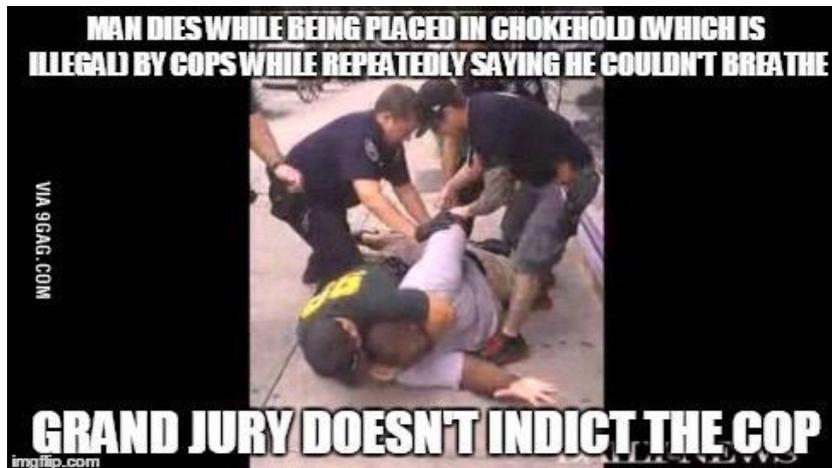
Para o presente estudo, dois memes, criados em língua inglesa, foram selecionados do site www.9gag.com e analisados no contexto das seguintes temáticas: no primeiro, dá-se ênfase à questão do racismo; e no segundo, o foco centra-se na temática da intolerância religiosa.

Figura 2: Meme 1



Fonte: www.9gag.com

Figura 3: Meme 2



Fonte: www.9gag.com

Dimensão da prática social do modelo tridimensional de Fairclough

O discurso como prática social se sobressai na própria definição a que chegam Fairclough e Wodak (2000) ao refletirem a linguagem nos limites da ACD. Conforme os dois analistas, o discurso, ou linguagem em uso, é uma forma de prática social. Nesse contexto, empreender uma descrição do discurso para esta dimensão implica considerar a relação dialética que se processa entre um evento discursivo particular e a(s) instituição(s), estrutura(s) social(s)

e situação(s) que o ajustam. Entender a linguagem em uso significa pôr em evidência que os discursos são estruturados ou constituídos no seio da sociedade que eles também constituem. Nessa perspectiva dialética, os discursos moldam identidades, estabelecem relações entre pessoas e grupos de pessoas, criam situações e constroem conhecimentos. O discurso é, portanto, instrumento de exercício do poder.

A abordagem do discurso como prática social enquadrasse na terceira dimensão do modelo tridimensional de análise de discurso postulado por Fairclough (2008) e Chouliaraki e Fairclough (1999).

Há atualmente diferentes gêneros discursivos que apresentam mensagens de protestos contra formas de discriminação disseminadas na mídia, em redes sociais, em jornais, em revistas etc., trazendo críticas contra a questão da intolerância religiosa e contra o racismo. Essa é uma maneira de corroborar para a formação de uma ideologia e de um discurso hegemônico para quem ler esses textos, sem se posicionar criticamente para combatê-los. Semelhante situação pode ser constatada no gênero meme como comprovaremos em nossa análise a seguir.

Percebemos, especificamente no meme 1 (Figura 2), a imagem de Marthin Luther King em que há um discurso estereotipado do islamismo como detentor de uma forte carga identitária terrorista. Como crítica a essa ideologia naturalizada pelos meios de comunicação, o memista se posicionou criticamente, ao acrescentar uma intertextualidade, notória na passagem do texto verbal seguinte: “*I have a dream that one day when people talk about Islam they don't think of terrorism*”. Essa foi uma forma na qual o produtor do meme protesta, valendo-se da imagem icônica e do intertexto evidente na mensagem verbal, associada ao discurso célebre de Luther King, para suscitar, portanto, uma reflexão no leitor-observador desse texto em prol de uma sociedade mais igualitária e contra formas de preconceitos dessa natureza.

Evidencia-se nesse meme uma forte discriminação implícita, combatida pelo discurso revolucionário do pastor evangélico e ativista político estadunidense, que lutou contra a segregação dos negros na sociedade estadunidense, e no mundo, e pelas suas conquistas sociais em prol da igualdade religiosa e contra qualquer forma de intolerância dessa natureza. Infelizmente, são ainda recorrentes na mídia certos discursos estereotipados como o do exemplo da mensagem do meme *When people talk about islam they don't think of terrorism*, de que todo povo mulçumano é terrorista. É notório que a ausência de um forte senso crítico leva as grandes massas a internalizar esse discurso, considerando-o uma verdade factual, e acaba, portanto, se tornando um senso comum.

A questão ideológica é bem latente, desmascarando a postura de supremacia das grandes

religiões oficiais, a católica e a evangélica, as quais são tidas como superiores e que promovem a paz, diferenciando-se em relação às orientais como a mulçumana que é sinônimo de guerra e promoção de atos terroristas, imagem estereotipada pelos discursos dos meios de comunicação. Temos claro o imbricamento dessa ideologia com as práticas discursivas presentes em jornais e revistas, cujo corolário é o fenômeno de naturalização do discurso teorizado por Fairclough (2008), pois leva os indivíduos a reproduzirem ideologias que não são relevantes para eles, e que são prejudiciais a outros.

É bem notório o domínio hegemônico entre etnias. O racismo ainda é impactante, revelando uma forte forma de opressão imposta, coercitivamente, sobre a raça negra. Essa forma de discriminação vem se perpetuando ao longo dos tempos em diversas nações pelo mundo todo. São séculos de luta política tanto no plano individual como coletivo, manifestados em experiências históricas, muitas vezes negadas pelo poder dominante, explorador, colonialista, opressor de homens, mulheres, crianças, negros e negras. A história dos vencedores tem uma visão conservadora e hegemônica que enfatiza apenas as conquistas do homem branco europeu, deturpando ou secundarizando a história da luta pela resistência do povo negro nas colônias europeias e nas Américas.

Partindo dessa questão histórica, é evidente nos discursos midiáticos, conforme afirma Fairclough (2008), formas de ações repressivas e hegemônicas. Como exemplo disso, faz-se presente uma forma de opressão deflagrada pela polícia contra um negro que aparece expresso no segundo meme da Figura 3. O abuso de poder por parte desse aparelho repressor do Estado é desmascarado como observamos nesse meme (ALTHUSSER, 1980). O racismo ainda é bem impactante como percebemos através desse texto que apresenta a mensagem localizada na parte superior em inglês “*Man dies while being placed in chokehold (which is illegal) by cops while repeatedly saying he couldn breathe*” (Homem morre quando é estrangulado (o qual é ilegal) por policiais e diz repetidamente que não podia respirar).

A influência da ideologia do branqueamento ainda permeia essa ação opressiva da polícia e é veiculada na mídia ao criar um senso comum nas pessoas de que o povo afrodescendente é criminoso, forma estereotipada de estabelecer um discurso que passa a ser naturalizado por certas classes sociais. Para reforçar essa ideologia preconceituosa, temos a mensagem localizada na parte inferior: “*Grand jury doesn't indict the cop*” (Grande júri não acusou o policial), a qual isenta o policial branco de qualquer culpa depois de desferir um golpe que ceifou a vida de mais um negro, vítima dessa ação truculenta e imprudente.

Uma contribuição da GDV para a leitura dos memes

Nesta seção, analisamos os memes à luz da GDV de Kress e van Leeuwen (1996, 2006), instrumentalizados pelas estruturas analíticas das funções representacional, interativa e composicional que podem nos auxiliar a observar as ideologias e as críticas por trás desses textos.

Ao analisarmos os textos em destaque, com base epistêmica na teoria da multimodalidade discursiva de Kress e van Leeuwen (1996, 2006), tendo como referência analítica a Gramática do *Design* Visual, partimos da função representacional, em que os modos semióticos podem ser realizados a partir de estruturas visuais e das diversas relações entre os participantes representados, sem considerar os participantes interativos. Conseqüentemente, os principais constituintes dessa metafunção são os participantes representados, que podem ser pessoas, objetos, lugares, formas geométricas e/ou abstratas.

Conforme a função representacional, no primeiro meme analisado, constatamos que há um processo narrativo em que o participante representado, Martin Luther King Jr. exerce a função de ator, cujo processo de ação é apontar o seu punho (formando um vetor), em que é posicionado para outra direção. Embora não esteja clara a experiência material de uma ação transacional entre Martin Luther King Jr. com outros participantes na composição, o leitor-observador deve ativar o seu conhecimento prévio para se recordar da interação desse ativista político com a plateia por meio de seu discurso, realizado no dia [28 de agosto](#) de [1963](#), nos degraus do [Lincoln Memorial](#) como parte da Marcha de Washington por Empregos e Liberdade e contra a segregação racial nos Estados Unidos. Pelo fato de não haver uma interação de Luther King com outro participante na imagem, a ação é caracterizada como não transacional. Quanto ao processo reacional, podemos caracterizá-lo também como não transacional, pois ele dirige seu olhar para fora da composição, reforçando o seu viés argumentativo e seu engajamento discursivo. No segundo meme, o contexto circunstancial está mais evidente no qual presenciamos um ato de abuso de poder por parte de policiais brancos ao oprimir um negro em uma rua dos Estados Unidos. Nesse processo narrativo, temos três policiais (representados como atores) que, com seus braços formam vetores, efetivam a ação de imobilizar e estrangular o personagem afrodescendente (representado como meta), materializando uma circunstância de ação opressiva.

Já a função interativa procura estabelecer relação de interação entre o leitor-observador da imagem e o elemento representado em que é materializado um determinado evento comunicativo. Tal relação desses participantes interativos proporciona para Krees e van

Leeuwen (1996, 2006) um engajamento afetivo entre eles. De acordo com a função interativa, percebemos uma relação de oferta, ou seja, Martin Luther King Jr. está retratado na imagem no envolvimento de ação guiada pelo seu olhar que interage indiretamente com o leitor e mantém uma relação não tão envolvente com ele. No segundo meme, temos uma outra relação de oferta, marcada pelo distanciamento de olhares dos participantes representados na imagem em relação ao observador. Os quatro participantes (os 3 policiais e a vítima) mantêm uma relação distante e não envolvente com o observador, não mantendo o olhar direcionado a ele e, ainda, pelo posicionamento distante na imagem, comprovado por esse ato de opressão e intolerância racial.

A categoria distância social se estabelece pelo modo como o participante representado está enquadrado em uma imagem em relação ao leitor-observador. De acordo com Krees e van Leeuwen (1996, 2006), esta categoria da função interativa estabelece as seguintes distâncias sociais: plano fechado (*close shot*), plano médio (*medium shot*) e plano aberto (*long shot*). No primeiro plano, o enquadramento é mais próximo, incluindo a cabeça e os ombros do participante representado, como é o caso do primeiro meme analisado neste estudo, em que Martin Luther King se encontra em enquadramento *close-up*. Este fato possibilita que o leitor-observador perceba o forte engajamento pelas causas humanitárias (luta em prol do empoderamento do povo negro e contra a segregação racial nos Estados Unidos), fazendo-nos sentir mais próximos e íntimos dele. Em contraposição à distância social desse meme, temos o segundo que é marcado pelo ato opressivo de racismo, em que os participantes estão situados em um plano aberto (*long shot*) em relação ao leitor desse texto, inferindo um relacionamento mais impessoal e sem intimidade entre esses participantes interativos.

Outra função analítica da metafunção interativa de Kress e van Leeuwen (2006) é a perspectiva. Ela se refere ao uso de imagens por meio de ângulos específicos, relacionado a um determinado ponto de vista. Mediante os autores, por meio do prolongamento das linhas principais de uma figura, pode-se encontrar o ângulo ou ponto de vista em que os participantes representados são mostrados. Os precursores da GDV caracterizam bem esse critério analítico:

Produzir uma imagem envolve não apenas a escolha entre ‘oferta’ e ‘demanda’ e a seleção de um certo tamanho ou enquadre, mas também, e ao mesmo tempo, a seleção de um ângulo, um ‘ponto de vista’, e isso implica a possibilidade de expressar atitudes subjetivas em direção dos participantes representados, humanos ou não. Por falar em ‘atitudes subjetivas’, nós não queremos dizer que essas atitudes são sempre individuais e únicas. Nós veremos que elas são frequentemente atitudes determinadas socialmente (KREES E VAN LEEUWEN, 1996, 2006, p. 129)⁶.

⁶ *Producing an image involves not only the choice between ‘offer’ and ‘demand’ and the selection of a certain size of frame, but also, and at the same time, the selection of an angle, a ‘point of view’, and this implies the possibility of expressing subjective attitudes towards represented participants, human or otherwise. By saying ‘subjective*

Quanto à percepção do ângulo e da atitude subjetiva mediada entre o leitor e personagem representado, a Gramática Visual categoriza a perspectiva de três formas: por uma relação angular frontal, oblíqua e vertical. No primeiro meme analisado, mesmo que o ativista político esteja em um posicionamento oblíquo, aparentando uma falta de envolvimento com o leitor-observador, há uma atitude determinada socialmente, marcando um sentimento de fraternidade e igualdade personificada pelo seu olhar e pelo seu gesto revolucionário. No segundo meme, há uma percepção angular mais vertical, formando um ângulo baixo entre o observador e os elementos representados. O produtor da imagem e o participante interativo exercem poder sobre esse objeto.

A modalidade no texto multimodal, última categoria da metafunção interativa, refere-se aos mecanismos que ajustam o nível de realidade que a imagem representa a respeito do mundo. Para Kress e van Leeuwen (2006), as imagens podem representar o mundo como se fosse real, de modo natural, ou como se fosse imaginária. São marcadores de modalidade em textos imagéticos: a utilização da cor (saturação, diferenciação e modulação da sombra); contextualização (sugestão de profundidade – técnicas de perspectiva da ausência de cenário ao cenário mais detalhado); iluminação (grande luminosidade, até quase a ausência desta); e brilho (nível máximo de brilho até os tons de cinza). Percebemos que na imagem do primeiro meme analisado, há um médio nível de modalidade, evidenciado pelo grande brilho com um tom de cinza, a alta saturação de cor cinza e um cenário com plano de fundo desfocado para deixar o personagem representado mais saliente. Na imagem do segundo meme, há um alto nível de modalidade, alta saturação de cores e um cenário com plano de fundo nítido que reflete uma imagem mais próxima da realidade, expressa pela ação truculenta da polícia, retrato das práticas de violência cotidiana.

A função composicional, conforme Kress e van Leeuwen (2006), refere-se à forma por meio da qual os elementos representacionais e interativos se organizam e se integram para estabelecer um sentido completo na composição multimodal. A materialização dos significados dos modos semióticos se dá por meio de três sistemas inter-relacionados: o valor informativo (dado/novo, real/ideal e centro/margem), a saliência e a moldura (enquadramento). Para a presente análise, optamos pelo valor informacional e pela saliência, em virtude da

attitudes', we do not mean that these attitudes are always individual and unique. We will see that they are often socially determined attitudes (KREES E VAN LEEUWEN, 1996, 2006, p. 129).

predominância mais constante delas nos memes analisados.

Em relação à primeira categoria, o valor informacional, no primeiro meme, a relação ideal/real é caracterizada pela presença do enunciado *I have a dream* (Eu tenho um sonho) na parte superior da composição, por conseguinte, designa uma informação ideal, uma vez que essa frase célebre proferida nesse interdiscurso⁷ pelo pastor evangélico se aproxima de um idealismo utópico de realizar seu projeto humanitário de promover a igualdade racial e no mundo. Em oposição, evidencia-se a informação real, a informação inferior que é mais próxima do que se compreende por “realidade”, tendo em vista o paralelismo semântico e sintático do discurso original de Luther King, comprovado pelo enunciado: *That one day when people talk about Islam they don't think of terrorism* (Que um dia quando as pessoas falarem sobre islamismo elas não pensem em terrorismo). Nessa mensagem, expressa pelo modo semiótico verbal, evidenciamos a questão velada sobre a intolerância religiosa na qual há a criação de um estereótipo de que todo povo mulçumano é terrorista. Essa forma estereotipada é muitas vezes naturalizada pelo discurso midiático, criando modelos mentais com essa ideologia discriminante na mente da sociedade (DIJK, 2015).

No segundo meme, observamos apenas o valor informacional real instanciado nesse texto que retrata a forte questão do preconceito racial, problemática ainda bastante presente em diferentes contextos socioculturais. Evidenciamos, conforme o princípio do valor informacional, o enunciado *Man dies while being placed in chokehold (which is illegal) by cops while repeatedly saying he couldn't breathe* (Homem morre quando é estrangulado (o que é ilegal) por policiais enquanto repetidamente diz que ele não podia respirar) representa o elemento real, caracterizando o ato de abuso de poder pelos policiais, que infringem a lei, pois é ilegal a prática de estrangulamento por oficiais da polícia nos Estados Unidos. Logo abaixo da imagem, no enunciado apresentado pelo texto verbal, temos *Grand jury doesn't indict the cop* (o grande júri não condena o policial), parte final do elemento real, que procura desmascarar a realidade latente do preconceito racial por parte do júri e também do policial branco envolvido nesse ato criminoso. Nesse meme, há uma quebra do padrão ideal-real, pelo fato dessa mensagem ter registrado apenas a realização material de um ato ilícito de abuso de poder, configurando-se, assim, como valor real.

No tocante à saliência, no primeiro meme, vemos o modo visual que nos salta mais aos

⁷ Interdiscurso: termo que é originado da análise do discurso de linha francesa, definido por Brandão (2004, p. 107) como “relação de um discurso com outros discursos. O interdiscurso tem um lugar privilegiado no estudo do discurso: procura-se apreender não uma formação discursiva, mas a interação entre formações discursivas diferentes. Nesse sentido, dizer que o interdiscurso é constitutivo de todo discurso é dizer que todo discurso nasce de um trabalho sobre outros discursos”.

olhos, representado pela imagem de Luther King, designando-o com um gesto de bravura com o braço riste e punho fechado, forma de reforçar a força argumentativa de seu discurso em prol da igualdade étnico-religiosa. Outro elemento mais saliente é o enunciado já supracitado, que está em caixa-alta, reforçando esse discurso reformista e humanitário. Já, no segundo meme, temos uma maior saliência da imagem, representada pelo ato de abuso de poder dos policiais brancos (estrangulamento ilegal) que acaba ceifando a vida de mais um cidadão negro nos Estados Unidos. Para reforçar o discurso em prol da legitimidade do ato deflagrado pelo policial, temos também como mais saliente a mensagem no plano real *Grand jury doesn't indict the cop* (o júri não condena o policial) para enfatizar esse julgamento discrepante, culminando na absolvição do policial branco.

Com base na análise dos discursos verbal-imagéticos presentes nos memes, percebemos que as três metafunções estão imbricadas e se entrelaçam na produção de sentido desse texto e que esse gênero discursivo é munido de um grande potencial semiótico, além de trazer, em determinados contextos enunciativos, críticas socioculturais de fatos noticiosos evidentes em nossa sociedade.

Considerações finais

Constatamos que, com o estudo da linguagem verbal e visual, atualmente, podemos entender que a comunicação é compreendida como multissemiótica (KRESS e van LEEUWEEN, 2006). O uso dos recursos semióticos tem uma função informativa e crítica, não podendo ser caracterizado, somente, como um ornamento na construção dos gêneros, mas como rico potencial de sentido que contribui para uma análise multimodal crítica, inclusive no gênero meme.

Percebemos também que, com a análise dos memes, valendo-nos da interface entre a análise crítica do discurso e a leitura multimodal, suscita uma maior conscientização por parte da sociedade em relação às ideologias e às relações de poder e como podemos desenvolver um pensamento crítico para combater todas as formas de preconceito e/ou intolerância.

Os resultados também evidenciam que os memes, conforme a nossa análise, são eivados de significados ideológicos e relação de poder hegemônico que podem ser percebidos pelos leitores devido à materialização dos modos visual e verbal e de outros recursos semióticos.

Referências

ALMEIDA, D. B. L. (Org.) *Perspectivas em Análise Visual: do fotojornalismo ao blog*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008.

ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. Trad.: Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Presença, 1980.

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed 2001.

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à Análise do Discurso*. 2. ed. Campinas, São Paulo, 2004.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity – rethinking critical discourse analysis*. Edinburgo: Edinburgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, N.; WODAK, R. Critical Discourse Analysis. In: Van Dijk, T. A. (ed.). *Discourse as social interaction*. Londres: Sage, p.258-284, 1997. [versão em Espanhol, Gedisa, 2000]

_____. *Language and Power*. The United States: Longman, 1989.

_____. *Discurso e mudança social*. Trad.: Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

GIDDENS, A. Admirável mundo novo: o novo contexto da política. In: MILIBAND, David. *Reinventando a esquerda*. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Trad.: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

HALLIDAY, M. *An Introduction to Funcional Grammar*. Londres: Hodder Education, 2004 (1985).

JEWITT, C. An introduction to multimodality. In: _____ (ed.) *The Routledge Handbook of Multimodal Analysis*. SAGE: London, 2008.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading Images: the grammar of visual design*. 2. ed. London and New York: Routledge, [1996] 2006.

_____. *Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication*. London: Arnold, 2001.